

# Ultimos momentos de um poço

ALCEU DE MITILENE

A noite estende, sôbre o árido deserto, o manto cintilante, por onde passará seu séquito de gélidos ventos. Espetáculo siblime que mais enche de dor a quem resta pela areia. A lua, bela rainha da escuridão, surge no centro de seu reino. Talvez pela derradeira vez eu a aprecie, pois minha algóz, a sêca, já me espreita com satisfação.

Oh! junto do momento extremo, doces lembranças acariciam-me. Meus bondosos irmãos, os oásis Taodei, Bilma e Tuat, cujos haréns repletos são de tamareiras, para melhor abrigar-me, no seu centro colocaram-me. E, quando principiei a pensar, tinha por companhia três dedicadas palmeiras.

Anos depois, caravaneiros aqui vieram e desde êsse dia não cessam de visitar-me. Os primeiros a aparecer chamavam, com reverência, um ser de "Faraó" e a pálida senhora da noite "Isis". Mais tarde... Ah! sim, recorro-me, agora, do mais estranho diálogo que já ouvi nesta existência. Aquelas palavras, ainda hoje, estão gravadas no meu íntimo.

\* \* \*

Há algum tempo, aquêlo filósofo hindú permanecia sentado, meditando à sombra destas palmeiras, quando, ao longe, dois camelos, montados por pobres árabes, na lentidão monótona peculiar de sua raça, apareceram. Depois de fastidiosa espera de minha parte, aqui chegaram e, enquanto bebiam meu líquido fresco e cristalino, seus ocupantes, desmontando, abrigaram-se do sol, para continuar uma conversa, talvez interrompida pela parada.

— Sim, bom Abdul Iezid, o homem é o mais cruel dos animais.

— Ajnda, amigo Ali Rachid, não atino com a razão de tua afirmativa.

— E' simples Abdul. Para melhor expressar êste particular, citarei um exemplo. Lembras-te daquele mal encarado caçador, cujo nome esqueci, que guiamos a Meca?

— Ben Haran, não será êste?

— Na verdade, é êste. Recordas-te da caçada do elefante por êle contada em uma noite de frio intenso?

— Não, porque devia estar domindo.

— Ah! sim, Abdul, não me passou pela memória que dormes muito cedo. Em todo o caso, eu te contarei.

— Estou prestando-te atenção.



— Como era rico, formou êle uma caravana para ir buscar marfim nas longínquas terras que Alá no sul colocou. Eis o comêço da maldade humana. Os pobres bichos matam apenas para viver e nós, ao contrário, matamos por prazer ou por caprichos.

— Tens razão, Ali Rachid.

— Ao chegar às margens de um rio, mandou Ben Haran armar o acampamento para poder descansar algumas

horas. Viu, então, mais acima uma elefanta com sua cria, bebendo água pacatamente. Êstes já se preparavam, em vista do aglomerado de negros, para abandonar o lugar, quando o caçador, não querendo deixá-los partir, atirou. Derrubou, para sua infelicidade, o elefantezinho. A mãe, que um instante atrás era o mais calmo e feliz animal sobre a terra, transformou-se rapidamente, tomada de cólera e dor, no mais bravo e perigoso, destruindo completamente o abrigo e matando inúmeros negros, nada mais que escravos nas mãos de um maldoso.

Ali Rachid parou uns instantes, mas continuou logo a seguir:

— Graças a uma árvore secular situada a dez passos da artéria fluvial, salvou-se o cruel matador e alguns de seus cativos. Dias depois, chegavam farroupilhas a um vilarejo, onde apregoaram a selvageria dos paquidermes. Dize-me agora, bom Abdul Iezid, quem é o selvagem: o homem ou o pobre irracional?

— O homem, naturalmente, pois o elefante nunca invadiu o território do branco e nem foi o primeiro a entrar em luta.

— Compreendes, portanto, a causa de minha afirmativa.

O sábio hindú, que estivera até então ouvindo, aproximou-se e colocando sua mão no ômbro do cameleiro, disse:

— Sábias são tuas palavras.

Houve uma pausa, finda a qual continuou:

— Sou um pobre filósofo hindú. Em minha terra evidencia-se também a maldade humana. O tigre, por exemplo, apenas principia a alimentar-se do homem, quando por êste é ferido. Simples é a razão; nós, ao ferí-lo, tiramos-lhe a agilidade e o meio de vida. Ora, os pobres camponeses que não possuem armas de fogo e não podem, por conseguinte, defender-se, tornam-se presas fáceis do felino.

Um silêncio espectral respondeu ao pensador. Tomando mais uma vez a palavra, prosseguiu:

— Se dispostos estiverem a ouvir, contarei uma antiga lenda a êste respeito.

— Sim, filósofo da terra dos brâmanes, com tôda a atenção o faremos, retrucou Ali Rachid.

E antê o silêncio dos dois islamitas, assim falou o sábio:

— “Nos tão remotos tempos de que a memória nos pode recordar o Universo era todo êle escuridão; apenas um ser, imortal, senhor de tudo, havia: Brama”.

“Depois de pensar diversos milênios na negridão oprimente que o circundava, resolveu iluminar o espaço e fazer tudo claro, tudo alegre.”

“Assim surgiram estrêlas, mil vêzes mais brilhantes que o sol.”

“Viu, então, o deus onipotente, ser a claridade em excesso cansativa. Tirou, pois, dos corpos brilhantes e majestosos, outros, sendo êstes sem luz própria, diminuindo, ainda a das outras esferas celestes.”

“Decidiu, agora, o senhor habitar um dêsses novos astros. Para isso fez plantas e animais de tôdas as espécies e tamanhos. Aos últimos deu uma constituição interior quase idêntica à sua e a um, cujo nome ficou sendo homem, fez uma cópia perfeieta de sua sagrada pessoa.”

“Modelando-os, levou um milhão de anos.”

“Foi quando os percebeu bem feitos, que com um sôpro, lhes deu o divino dom da vida.”

“Logo depois todos os bichos rodearam-no e BRAMA, com sábias e bondosas palavras, assim lhes falou:

— “Sois, agora, meus filhos, dotados de diversos poderes físicos e morais. Na terra, onde ireis viver, tereis de lutar para subsistir. Ponde de lado, entretanto, a crueldade. Colocarei no globo terrestre, para escolherdes, duas filhas minhas: A Selvageria e a Civilização. A quem cada um de vós der preferência, terá dela tôdas as virtudes ou defeitos que vos acompanharão de geração em geração. E sômente.”

## ITAQUATIARA

"No dia seguinte desceu o pai ao mundo, os seus animais e escondeu as filhas num recôncavo abrigado da procura imediata.

"Passado um mês, o leão, belo e forte, encontrou num regato africano, a Civilização, nua, mas limpa e simples. Mais adiante viu a Selvageria, suja e desgredada, correndo pela campina. Escolheu sem hesitar a primeira e principiou a seguir suas qualidades."

"E durante anos foi a Civilização escolhida."

"Faltava, todavia, o homem, que nada encontrava, apesar de incessantes buscas."

"A Selvageria soube, em certa noite de terror, da notícia, começando a procurá-lo incansavelmente. Enfim, descobriu-o em uma choupana. Tomou ela, neste dia, banho nas mansas águas de um riacho e em seguida cobriu-se com folhas de salgueiro."

"Ao vê-la, o homem, encantado, escolheu-a, imitando-a, pois.

"Desde então, passou êle, debaixo das lindas vestes que ostenta, a possuir o espírito selvagem, enquanto os outros bichos a possuir na nudez do corpo a alma civilizada."

— Muito significativa — falou Ali Rachid.

— Pois noventa e nove nomes de Alá, esquecemo-nos da 3.<sup>a</sup> oração do dia — exclamou Abdul Iezjd.

Voltou o sábio à raiz da palmeira, onde continuou meditando, e os dois maometanos, estendendo seus tapetes na direção de Meca, rezaram.

\* \* \*

Os primeiros raios de ardente sol, que assolará o deserto, já descem do céu e com êles se extinguem minhas últimas gotas d'água, ante a sarcástica satisfação da sêca.

Quan...

Fim.

São Paulo, julho de 1950.

ITAQUATIARA

—  
Outubro

1952  
—